

## **Um Jardim de Romas – Parte 2**

### **O Fosso**

A filosofia da cabala é essencialmente esotérica, já que os métodos práticos de investigações esotéricas e seculares são essencialmente idênticos — experimentações contínuas e persistentes, o empenho por eliminar o risco e erro, o esforço por averiguar as constantes e as variáveis das equações investigadas.

A única e principal diferença é que se ocupam exclusivamente de diferentes campos de investigação.

A filosofia acadêmica formal glorifica o intelecto e assim investiga aquilo que são, depois de tudo, coisas acessórias — se considerarmos a filosofia como o meio supremo de investigar os problemas da vida e do universo.

A cabala crê que o intelecto contém em si mesmo um princípio de autocontradição e que, portanto, é um instrumento pouco fiável para ser usado na suprema Busca da Verdade.

Numerosos filósofos acadêmicos chegaram igualmente a uma conclusão semelhante.

Alguns dos melhores perderam a esperança de obter em algum dia um método adequado para transcender esta limitação e caíram no ceticismo. Outros, vendo claramente a solução, confiaram na intuição ou, para ser mais exato, o conceito intelectual de intuição, o que, em consequência, tende a degenerar em conjecturas matizadas pela inclinação pessoal e incitadas por um enorme fantasma do desejo.

Os dois principais métodos da cabala tradicional e esotérica são a Meditação (Ioga) e a Cabala Prática (Magia).

Por ioga entende-se esse rigoroso sistema de disciplina mental e autodisciplina que tem como objeto principal o controle completo e absoluto do princípio pensante, o *Ruach*; sendo seu objetivo final obter a faculdade de tranquilizar a corrente de pensamento à “vontade”, para que aquilo que está por trás (por dizê-lo de alguma maneira), ou em cima, ou além da mente, possa manifestar-se na tranquilidade assim produzida.

O essencial é a quietude da turbulência mental.

Com esta faculdade a sua disposição ensina ao estudante a elevar a mente com os diversos métodos técnicos da Magia até que supera as limitações e barreiras de sua natureza, intuitivamente participa do saber universal, que se considera uma fonte mais fiável de informações que a introspecção racional do intelecto ou a investigação científica experimental do assunto possam dar.

É o contato com a fonte da Vida em si mesma, o *fons et origo* da existência, mais do que um cego mover-se tateando na obscuridade atrás de símbolos confusos que aparecem unicamente no denominado plano prático ou racional do pensamento.

A ciência secular ou positivismo ocupou-se da investigação da matéria e do universo visível, assim como se percebe com os cinco sentidos.

Afirma que, com um estudo dos fenômenos, podemos acercar-nos ao mundo como é em realidade, às coisas em si mesmas.

Nesse sistema afirma-se que a percepção é apenas um nome para certas séries de mudanças biológicas e químicas que ocorrem em certos conteúdos de nossos cérebros e que, mediante uma investigação de coisas como parecem ser, podemos chegar a uma compreensão de suas causas, do

que realmente são.

O argumento filosófico contrário das escolas idealistas é que, estudando as leis da Natureza, apenas podemos estudar as leis de nossas próprias mentes; que seria bastante fácil demonstrar que, depois de tudo, realmente chegamos a conhecer muito pouco sobre ideias como: matéria, movimento e peso, etc., mas do ponto de vista puramente idealista; que são simples fases de nosso pensamento.

Os cabalistas e todas as demais escolas de misticismo partem de um ponto de vista, todavia, mais absoluto, argumentando que a controvérsia em seu conjunto é puramente verbal; pois todas as propostas ontológicas podem, com um pouco de habilidade, reduzir-se a uma ou outra forma.

A consequência desta observação existe no reino da filosofia moderna, aquilo que se considera francamente como um ponto morto.

Os cabalistas afirmam que a Razão é uma arma inadequada para a busca da Realidade, já que sua natureza é essencialmente autocontraditória.

Hume e Kant a compreenderam; porém um se tornou cético no mais amplo sentido da palavra e no outro a conclusão se ocultou atrás de um transcendentalismo carregado de verbosidade.

Spencer também a compreendeu, porém tentou encobri-la e enterrá-la sob a ponderação de sua erudição.

A cabala, nas palavras de um de seus mais zelosos defensores, resolveu a disputa pondo o dedo no ponto mais débil: "Também a razão é uma mentira, pois existe um fator infinito e desconhecido; e todas as suas palavras são imprudentes."

O Universo não pode ser explicado mediante a razão; sua natureza é claramente irracional.

Como observou o Prof. Henri Bergson: "Nosso pensamento em sua forma puramente lógica é *incapaz* de apresentar a natureza verdadeira da Vida" e a faculdade intelectual se caracteriza por uma "incapacidade natural para *compreender* a vida."

O Prof. Arthur S. Eddington observou igualmente que: "Em uma teoria sobre o mundo, os elementos essenciais devem ser de uma natureza *impossível* de definir em termos identificados para a mente."

Uma afirmação mais recente de Julian Huxley, considerado um excelente expoente da opinião científica moderna, aparece em sua obra *O que me Atrevo a Pensar*:

*Não existe nenhuma razão pela qual o universo tenha que ser perfeito; não há, em verdade, nenhuma razão pela qual deva ser racional.*

Um dos paradoxos do intelecto é que, apesar do fato de que nosso conhecimento se baseia puramente nos fenômenos, inclusive esse conhecimento não é realmente profundo.

Por exemplo, o critério "a" é "a" é uma tautologia sem sentido.

Para que nosso pensamento seja significativo deve ir além da simples identificação de um objeto consigo mesmo, porém não deve passar a algo que não tem nada em comum com o objeto.

Dessa forma se afirmarmos que "a" é igual a "b", o critério é falso, já que passamos de "a" a "b", e este último não tem nada em comum com "a".

É óbvio, contudo, que uma definição desta variável "a" só pode ser conseguida dizendo-se que "a" é igual a "b" ou que "a" é igual a "cd".

No primeiro caso a ideia de "b" está realmente implícita em "a"; assim não

aprendemos nada e, se não for assim, a afirmação é falsa. Simplesmente define-se uma variável a partir de outra — e isto não adianta nada.

No segundo caso, “c” e “d” requerem sobre si uma definição como “ef” e “gh”, respectivamente.

O processo se torna extenso; porém está destinado a chegar ao seu fim por esgotamento eventual do alfabeto, “y” é igual a “za”.

Em suma, um não se consegue mais do que “a” é igual a “a”.

A relação da série total de equações torna-se, então, aparente, e a conclusão de que um é forçado é que todos os termos são *algo em si mesmo*, mas desconhecidos, em certa medida pela Intuição.

Existem várias provas disto, a mais simples é a seguinte, mostrando que a explicação mais clara não pode suportar uma análise.

Uma pergunta simples como: “Que é vermelhão?”

Esse “vermelhão é vermelho” é inegável, sem dúvida, porém há bastante falta de significado; pois cada um dos dois termos deve ser definido por meio de pelo menos dois termos, a partir dos quais ele mesmo é verdade.

Outra pergunta tão simples como “Por que o açúcar é doce?” implica em um grande número de investigações químicas altamente complicadas, cada uma das quais conduz finalmente a esse vazio das paredes em branco — O que é a matéria? O que é a mente observadora?

Se desejarmos, podemos continuar e perguntar: “O que é a lua?”

A ciência (vamos supor que por brincadeira) responde: “Queijo verde!”

Para nossa lua teremos agora duas ideias distintas e toda simplicidade se desvanece e se obscurece.

“Verdura e Queijo”.

Um depende da luz do sol, o aparato sensorial dos nervos e órgãos óticos, e de uma centena de coisas a mais; o outro da bactéria, da fermentação e da natureza da vaca.

Seguiremos, então, discutindo coisas sem importância e fazendo malabarismo com as palavras — nada mais do que coisas insignificantes e palavras, e malabarismos com elas — e no final nós não conseguiremos responder uma simples pergunta de maneira definitiva.

Por conseguinte, não existe nenhuma escapatória possível a este fosso sem fundo de confusão, exceto pelo desenvolvimento de uma faculdade da mente que não será claramente inadequada em quaisquer destas formas.

Devemos usar outros meios superiores ao raciocínio.

Devemos nos aproximar do problema do desenvolvimento da *Neschmah* (intuição) e é neste ponto que a cabala difere em método e conteúdo da Ciência Secular e da Filosofia Acadêmica.

O progresso da ciência secular nos últimos trinta anos se aproxima certamente da concepção cabalística das coisas; as antigas sanções de um mecanismo científico desapareceram por completo, e os termos que aos vitorianos pareciam tão simples, objetivos e claros — como a matéria, a energia, o espaço, etc. —, fracassaram totalmente em resistir a uma análise.

Alguns pensadores modernos vendo com clareza a absoluta ruína à qual a antiga ciência positivista estava condenada a levá-los, a dissolução dessa extensão gelada de frios pensamentos, decidiram encontrar por todos os meios possíveis um *modus vivendi* para o Ateneu.

Esta necessidade foi enfatizada de modo muito surpreendente pelo resultado dos experimentos de Michelson-Morley, quando a mesma Física, calma e

sinceramente, ofereceu uma contradição em seus termos.

Não foram os metafísicos desta vez que estavam cavando no vazio.

Foram os matemáticos e os físicos que encontraram o solo completamente aberto sob os seus pés.

Não bastou substituir a geometria de Euclides pela de Riemann e Lobatchevsky, e a mecânica de Newton pela de Einstein, de modo que qualquer um dos axiomas do antigo pensamento e as definições de seus termos sobreviveu.

Abandonaram deliberadamente o positivismo e o materialismo por um misticismo indeterminado, criando uma nova filosofia matemática e uma nova lógica, onde as ideias infinitas — ou melhor, transfinitas — poderiam tornar equivalentes àquelas ideias do pensamento ordinário na falta de esperança de que tudo poderia ir perfeitamente a partir daquele momento. Em suma, para usar uma nomenclatura cabalística, torna-se relevante adotar a inclusão de termos de *Ruach* (intelecto) conceitos que são próprios da *Neschamah* (o órgão e a faculdade de percepção e intuição diretamente espirituais).

Este mesmo processo teve lugar na filosofia anos antes.

A dialética de Hegel somente foi entendida pela metade, a maior parte das especulações filosóficas dos escolásticos à percepção por parte de Kant das Antinomias da Razão havia sido lançadas ao mar.

C. G. Jung, o eminente psicanalista europeu, escreve em *O Segredo da Flor de Lótus*, de Wilhelm: "Por conseguinte, só posso considerar a reação contra o intelecto que se inicia no Ocidente... a favor da intuição, como um sinal de avanço cultural, uma ampliação da consciência além dos limites muito estreitos estabelecidos por um intelecto tirânico." (p. 82.)

Uma das maiores dificuldades experimentadas pelo filósofo — quase insuperáveis para o estudante; uma dificuldade que continuamente tende a aumentar mais do que a diminuir com o avanço no conhecimento — é a seguinte: é praticamente impossível conseguir alguma compreensão intelectual clara do significado dos termos filosóficos usados.

Cada pensador tem seu próprio conceito geral e seu próprio significado para termos tão comuns e tão universalmente usados como "alma" e "mente"; e na grande maioria dos casos não suspeita que outros escritores possam usar o mesmo termo com uma conotação diferente.

Inclusive os escritores técnicos, aqueles que às vezes consideram o problema de definir seus termos antes de usá-los, estão com demasiada frequência em desacordo entre si.

A diversidade é muito ampla, como observamos antes, no caso da palavra "alma".

Encontramo-nos com um escritor que prega que a alma é "a", "b" e "c", enquanto que seus estudantes ou discípulos protestam veementemente que não há nada disso, senão "d", "e" e "f".

Contudo, suponhamos por um momento, que mediante algum milagre, obtemos uma ideia clara do significado da palavra.

O problema acaba de começar, pois imediatamente surge a questão da relação de um termo com os demais.

À vista desta fonte contínua de erros faz-se necessário estabelecer uma língua básica e universal para a comunicação de ideias.

Chega-se a estar amargamente de acordo com o triste começo do ancião

Fichte: "Se tiver que viver minha vida novamente, a primeira coisa que faria seria inventar um sistema de símbolos totalmente novo, com o qual

*transmitiria minhas ideias.”*

Na realidade, ele havia visto que certas pessoas — principalmente alguns dos antigos cabalistas, entre os quais podemos incluir Raymond Lully, William Postel, etc. —, haviam realmente tentado essa Grande Obra de construção de um sistema coerente.

Aqueles que foram coerentes foram, é triste dizê-lo, mal compreendidos ou aprovados.

Às vezes é alegado que a terminologia budista contida no Abidhamma, forneça um alfabeto filosófico suficientemente completo.

Embora ainda haja muito ser dito sobre o sistema budista, não podemos concordar plenamente com este ponto de vista, pelas seguintes razões:

*Em primeiro lugar*, as palavras reais são terrivelmente longas, impossíveis para o europeu mediano.

*Em segundo lugar*, uma compreensão deste sistema exige que se esteja totalmente de acordo com a doutrina budista, para o qual não estamos preparados.

*Em terceiro lugar*, o significado dos termos não é tão claro, preciso e nem tão global como seria desejável.

Existe, com a máxima segurança, uma grande quantidade de pedantismo, assuntos contenciosos e confusão.

Somente em data recente vi que a senhora. Rhys Davids publicou um livro sobre *As Origens do Budismo*, no qual a pergunta que expõe, entre outras, a respeito da tradução da palavra páli “Dhamma” é se significa “lei”, “consciência”, “vida” ou simplesmente a doutrina budista.

*Em quarto lugar*, a terminologia é exclusivamente psicológica e não leva em conta as ideias extra budistas e mantém muita pouca relação com a ordem geral do universo.

Naturalmente, poderia ser complementada com a terminologia hindu ou outras, porém agindo-se assim se introduziriam imediatamente mais elementos à controvérsia.

Imediatamente estaríamos perdidos em discussões sem fim sobre se Nibbana era Nirvana e se a extinção ou algo a mais estava implicada; e assim seguiríamos durante muito tempo.

O sistema da cabala, cujos termos, como veremos, são amplamente simbólicos, está, naturalmente, superficialmente aberto a esta última objeção.

Porém precisamente por ser altamente simbólico, tem a maior aprovação por parte daqueles considerados como autoridades eminentes nas ciências, pois o conjunto da ciência moderna se ocupa de diversos símbolos, através dos quais se esforçam em compreender o mundo físico — símbolos além dos quais, evidentemente, se confessa sinceramente incapaz de chegar.

Uma citação significativa aparece na Conferência Swarthmore do Prof. Eddington, *Ciência e Mundo Oculto*:

*Apenas posso dizer que a ciência física deu as costas para todos os modelos, contemplando-os como a um obstáculo para a compreensão da verdade que há por trás dos fenômenos... E se hoje em dia for perguntado a um físico sobre aquilo que finalmente se entende por éter ou elétron, a resposta não será uma descrição em termos de bolas de bilhar ou volantes de carros ou algo concreto; em vez disto associará a um número de símbolos e a uma série de equações matemáticas que satisfaçam. O que representam os*

*símbolos? A misteriosa resposta que se dá é que à física não importa; não tem meios para investigar além do simbolismo. Para entender os fenômenos do mundo físico é necessário conhecer as equações às que os símbolos obedecem, porém não a natureza daquilo que está sendo simbolizado.*

Sir James Jeans confirma esta visão do uso dos símbolos, pois na página 141 de seu livro *O Universo Misterioso*, escreve:

*Construir modelos ou imagens para explicar fórmulas matemáticas e os fenômenos que elas descrevem não é um passo adiante, senão um passo que se afasta da realidade... Em suma, uma fórmula matemática nunca pode nos dizer o que é uma coisa, porém somente como se comporta. Unicamente pode designar um objeto através de suas propriedades.*

O cabalista, por conseguinte, não tem medo de sofrer o ataque de fontes hostis por causa de seu uso de símbolos, pois a base real da Santa Cabala, as dez sephiroth e os vinte e dois Caminhos, é matematicamente lógica e definida.

Podemos descartar facilmente as interpretações teológicas e dogmáticas do Antigo Rabbanim por sua pouca utilidade e sem afetar a esta mesma base real, e relacioná-la tudo no universo com o sistema fundamental de puro Número.

Seus símbolos serão compreensíveis para todas as mentes racionais em um sentido idêntico, já que as relações que se obtém entre estes símbolos estão determinadas pela natureza.

É esta consideração que levou à adoção da Árvore da Vida cabalística como a base do alfabeto filosófico universal.

A justificativa para este sistema — se for necessária — é que, como já se indicou, nossos conceitos mais puros são simbolizados pelas matemáticas. Bertrand Russell, Cantor, Poincaré, Einstein e outros muitos trabalharam duramente para substituir o empirismo vitoriano por uma interpretação compreensível e lógica do universo, mediante ideias e símbolos matemáticos. Os conceitos modernos de matemática, física e química são paradoxos completos para o "homem simples" que pensa no assunto, por exemplo, como algo com o qual pode chocar. Parece não haver dúvidas de que atualmente a natureza básica da ciência em qualquer de seus ramos, será puramente abstrata, poder-se-ia dizer que será de um caráter quase cabalístico, apesar de ela nunca poder ser denominada oficialmente Cabala. É próprio e natural representar o Cosmo ou qualquer parte dele, ou suas operações em qualquer de seus aspectos, com os símbolos de Número puro. Os dez números e as vinte e duas letras do alfabeto hebraico, com suas correspondências tradicionais e racionais — considerando também suas relações numéricas e geométricas — nos permite um trabalho preliminar coerente e sistemático para o nosso alfabeto; uma base suficientemente rígida para nosso fundamento e o suficientemente elástica para nossa superestrutura.

Continua